

Comunidade de Leitores de Paisagens Literárias de Lisboa

# paisagens poéticas de lisboa



a singularidade da cidade  
reside nos seus elementos  
tangíveis e intangíveis



# Lisboa e poesia





TORGA, Miguel. Poesia Completa. Lisboa: Dom Quixote e Herdeiros de M. T., 2000.

## Lisboa

A luz vinha devagar  
Através do firmamento...  
Vinha e ficava no ar,  
Parada por um momento,  
A ver a terra passar  
No seu térreo movimento.

(...)

Mas a luz podia mais,  
Voava mais do que a vela;  
E o Tejo e os areais  
Tingiam-se dos sinais  
De uma doença amarela.

Ardia em brasa o Castelo,  
Tinha febre o casario;  
Cada vez mais nosso e belo,  
O profeta do Restelo  
Punha as sombras num navio...

(...)

# Avé Marias

Nas nossas ruas, ao anoitecer,  
Há tal soturnidade, há tal melancolia,  
Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia  
Despertam-me um desejo absurdo de sofrer.

O céu parece baixo e de neblina,  
O gás extravasado enjoa-me, perturba;  
E os edifícios, com as chaminés, e a turba,  
Toldam-se duma cor monótona e londrina.  
(...)

VERDE, Cesário. O Livro de Cesário Verde.

Porto: Publicações Anagrama

Fotografia: ©Helder Reis  
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=151173084944823&set=a.112633985465400.13704.100001563971658&type=3&theater>



# Nome de rua

(...)

Nome de rua quieta  
onde à noite ninguém passa.

Onde o ciúme é uma seta,  
onde o amor é uma taça.

Nome de rua secreta  
onde à noite ninguém passa.

Onde a sombra de um poeta  
de repente nos abraça.

«Com um pouco de amargura,  
com muito de Madragoa,

e a ruga de quem procura,  
e o riso de quem perdoa,

deste-me um nome de rua,  
de uma rua de Lisboa.

(...)





## Trazias de Lisboa

Trazias de Lisboa o que em Lisboa  
é um apelo do mar: um mais além.  
Trazias Índias e naufrágios. Fado e Madragoa.  
E o cheiro a sul que só Lisboa tem.

Trazias de Lisboa a velha nau  
que nos fez e desfez (em Lisboa por fazer).  
Trazias a saudade e o escravo Jau  
pedindo por Camões (em Lisboa a morrer).

Trazias de Lisboa a nossa vida  
parada no Rossio: nau partida  
em Lisboa a partir (Ó glória vã  
não mais não mais que uma bandeira rota).

Trazias de Lisboa uma gaivota.  
E era manhã.



## Trovoada

(...) Um silêncio frio. Os sons da rua como que foram cortados à  
faca. Sentiu-se, prolongadamente, como um mal-estar de tudo,  
um suspender cósmico da respiração. Parara o universo inteiro.  
Momentos, momentos, momentos. A treva encarvoou-se de silêncio.  
Súbito, aço vivo,  
Que humano era o toque metálico dos eléctricos! Que paisagem  
alegre a simples chuva na rua ressuscitada do abismo!

Oh, Lisboa meu lar!

Bernardo Soares, in: <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/index.php?id=5348>





## Casario

em lisboa eu prefiro o casario  
que se narcisa visto da outra banda  
no espelho às vezes turvo deste rio  
na limpidez do rio às vezes branda

é entre o mar da palha e o bugio  
que o renque das fachadas se desmanda  
em tons de porcelana ao desafio  
em cada patamar, cada varanda

e a luz de água e azul a derramar-se  
vem envolver-lhe o vulto reflectido,  
dar-lhe o contraste de uns ciprestes, dar-se  
como um banho lustral e desmedido

(...)



## No Castelo de S. Jorge

Pedi à sentinela para entrar.  
Eu ia um pouco à toa, sem saber  
Se era fácil poder justificar  
O meu desejo de espreitar o dia  
E ver nascer o Sol desse Castelo  
Que domina Lisboa no mais belo  
E surpreendente quadro de beleza!  
Lisboa, a mais gentil, a portuguesa  
E nobre capital de um povo grande  
No sofrimento e na resignação,  
Estava ainda preguiçosa e lenta  
No acordar dessa manhã de Outono  
Que eu vou tentar fixar nesta canção.  
(...)

António Botto. In TTORGAL, Adosinda Providência, BOTELHO, Clotilde Correia. Lisboa com seus Poetas Lisboa: Publicações D. Quixote, 2000



## ElectricCar

ding dong  
car electric  
is it like that?

Vejo toda a Rua Morais Soares  
e sigo todos os movimentos  
sentado no banco do eléctrico  
tudo olha para mim (substâncias vítreas).  
Na rua, os que passam, ignoram  
que alguém os olha e os esquece.  
O eléctrico tine a campainha  
é a paragem onde se vê o rio  
cheguei ao destino  
onde vou aprender  
História e Filosofia.



# Lisboa

Digo:

«Lisboa»

Quando atravesso - vinda do sul - o rio

E a cidade a que chego abre-se como se do seu nome nascesse

Abre-se e ergue-se em sua extensão nocturna

Em seu longo luzir de azul e rio

Em seu corpo amontoado de colinas -

Vejo-a melhor porque a digo

Tudo se mostra melhor porque digo

Tudo mostra melhor o seu estar e a sua carência

Porque digo

Lisboa com seu nome de ser e de não-ser

Com seus meandros de espanto insónia e lata

E seu secreto rebrilhar de coisa de teatro

Seu conivente sorrir de intriga e máscara

Enquanto o largo mar a Ocidente se dilata

Lisboa oscilando corno urna grande barca

Lisboa cruelmente construída ao longo da sua própria ausência

Digo o nome da cidade

- Digo para ver



## Tejo

Na neblina das madrugadas  
terei sempre a companhia do Cais  
e o Rio para me levar de Cacilheiro ao outro lado  
mesmo quando já não pertencer a nenhum deles